

GT02: Antropoéticas: outras (etno)grafias

Patrícia Pinheiro, Alexsânder Nakaóka

Formas de expressão e materiais sensíveis, gráficos e audiovisuais têm constituído parte significativa dos processos de pesquisa antropológica, presentes não somente pelo que "mostram" de modo objetivo, mas também pelas texturas, autorias, sensações e pela receptividade ao caráter experimental do pensamento. Entre recursos diversos, como desenhos, montagens, fotografias e filmes/vídeos, propomos acolher discussões sobre sensibilidades e sensorialidades no fazer etnográfico-antropológico, assim como contribuições analíticas sobre a construção do conhecimento científico a partir da produção de materiais sensíveis diversos, de modo colaborativo entre interlocutoras/es e o meio acadêmico. Sendo assim, a proposta deste GT é reunir pesquisadoras/es que promovam em seus trabalhos a relação entre poética e Antropologia, de modo a estimular discussões sobre as múltiplas potencialidades narrativas acionadas nos atos de observar, registrar, descrever, criar, imaginar e compartilhar, permeadas por sentidos e sensibilidades. Se dão em meio a campos de forças, relações de poder e conflitos, que dizem respeito tanto à própria constituição da Antropologia Audiovisual e da Imagem, quanto aos inumeráveis temas e campos de pesquisa nos quais podemos atuar. O GT dá continuidade a eventos anteriores - como o 18º Congresso da IUAES, a 31ª e 32ª RBAs e a XIII RAM, que por sua vez contribuíram para a formação do GT homônimo na Associação Latino-Americana de Antropologia Social (ALA).

Por uma Antropologia da Montagem: narrativas e grafias nikkeis

Autoria: Alexsânder Nakaóka

Este trabalho parte da pesquisa de pós-doutorado que atualmente realizo junto ao Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL) da UFRGS, e busca evidenciar como a relação entre distintas formas de narrativas e grafias é capaz de potencializar a confecção do saber antropológico, tensionando a prática e a escrita etnográfica por meio da montagem. Para tanto, tenho realizado trabalhos de campo multissituados (Marcus, 1995) com interlocutoras/es nikkeis na minha região de origem, Vale do Aço-MG, e no Rio Grande do Sul, em especial na maior colônia japonesa do estado, localizada na zona rural da cidade de Ivoti. Tais interlocuções levarão em conta a existência de um estilo de vida ou ethos (Bateson, 1936; Mead e Bateson, 1942) dos japoneses e seus descendentes no Brasil. Como se dá o conjunto de vivências partilhadas entre o antropólogo e os grupos/indivíduos com quem ele estuda? A partir do estabelecimento das imbricações possíveis entre diversas formas de expressão (verbais e imagéticas-gráficas), quais formas de conhecimento são geradas? A questão central, portanto, será investigar como relacionar as complexas experiências intersubjetivas estabelecidas em campo, a partir da coleta e da produção de grafias e narrativas, para compor e experimentar o saber antropológico. Dessa forma, pretendo revelar a existência desse ethos alicerçado nas imbricações entre a verbalidade e a visualidade, duas formas de conhecimento ontologicamente distintas: a primeira corresponde a uma forma de narrar. Já a segunda, a uma forma de fazer narrar. Logo, o procedimento epistemológico da montagem se fará duplamente potente: primeiro, porque tomá-la como um modo de pensamento sui generis é instigante para relacionar elementos heterogêneos dentro da "antropografia" (Ingold, 2015). Além disso, pois buscarei estabelecer um conhecimento por e com imagens, que será obtido a partir de experimentações visuais/gráficas.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

